

NUM. IV.

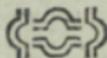
248

ENSAIO  
SOBRE  
A NOVA DOCTRINA MEDICA  
DE BROWN  
EM FORMA DE CARTA

POR  
MANOEL RIZO,  
DE CONSTANTINOPLA,  
*Doutor em Medicina, da Universidade  
de Padoa.*

VERTIDO EM LINGUAGEM  
POR  
MANOEL JOAQUIM HENRIQUES  
DE PAIVA,

*Medico da Camara do Principe Regente Nosso Sen-  
hor, Censor Regio, Deputado da Real Junta do  
Proto-Medicato, Lente da Faculdade de Filosofia  
na Universidade de Coimbra, com exercicio da  
Cadeira de Farmacia na Cidade de Lisboa, etc.  
etc. etc.*



LISBOA. M. DCCC. VII.

NA NOVA OFFIC. DE JOÃO RODRIGUES NEVES.

---

*Com licençã da Meza do Desembargo do Paço*

S.A.  
30891

208767

Si nous savions ignorer la verité, nous  
ne serions jamais les dupes du mensoge.

*J. J. Rousseau, de l' Education.*

ENSAIO

S O B R E

A NOVA DOCTRINA MEDICA

DE BROWN

EM FORMA DE CARTA

MANOEL RIZO,

DE CONSTANTINOPLA,

*Doutor em Medicina, na Universidade de Padoa.*

**M**EU querido amigo : recebi com summo prazer a ultima carta , na qual me dais o parabem da minha feliz chegada a Paris , e dos progressos que eu sou capaz de fazer na arte de curar. Seria inutil declarar-vos qual foi o meu espanto e a minha admiração , vendo

A ii

aqui

aqui tamanho numero de hospitaes e de escolas de Medicina, de Cirurgia, e de Farmacia, e tantos habeis professores de todas estas Sciencias, cujas lições ouvem continuamente moços activos, e estudiosos. Vós me pedis que vos declare quaes são os meus principios, e que systema tenho abraçado. Para satisfazer cabalmente ao vosso desejo, bom he determinar o estado da questão, e responder-vos categoricamente.

Imaginais, (ou não estais longe de suppor) que eu abracei a doutrina medica de *Brown*. Com effeito não vos enganais. Verdade he que esta doutrina ha dois annos he o objecto do meu particular estudo, sem embargo de meus Mestres seguirem outra contraria. He tambem verdade que eu a tenho aprofundado todos os dias, e segundo o exemplo de muitos Medicos Inglezes, Alemães, e Italianos, que escreverão sobre este systema de hum modo digno da importancia do assumpto. Em fim, não he menos certo que estes autores fazem insensivelmente girar no Público as resultas de

suas observações particulares , as quaes são quasi todas favoraveis a esta doutrina. ; Ora que mais fructo poderiam elles colher de seus trabalhos do que derramar luzes uteis e capazes de atrahir a opinião pública sobre o systema de *Brown* ? Eu tambem , como vereis do que a minha carta encerra ácerca deste objecto , não sómente tenho seguido , e abraçado todos os sentimentos do Medico Escossez ; mas em muitas occasiões manifestei os mais notaveis escritos , a que se haviam dado muitos Medicos , e Cirurgiões nas suas extravagantes curas ; especialmente no que respeita ás febres nervosas , e intermittentes , assim como ás feridas simples , e ás chagas chronicas.

Não julgueis pois que a minha afecção á doutrina *Browniana* me cegue de maneira que eu a considere perfeita. Com tudo , tal como he póde servir de fundamento da instrucção pública , em razão de ser a mais verdadeira , a mais simples , e a mais rasoavel de todas aquellas imaginadas , e conhecidas até ao presente. A dou-  
 tri-

trina de *Brown* por certo acaba de nascer. Mas que coisa embarça que o farol da analyse, e a enfiada continua de observações feitas pelos Medicos Filozofos não lhe imprimam assim o sinete da evidencia, fazendo-a sobir áquella perfeição de que, a meu ver, he capaz? Todavia, inda quando o systema de que fallo tivesse sobido áquelle gráo de perfeição, o qual o deve collocar acima de todos os outros adoptados, e praticados pelos Medicos, e Universidades, eu seria tambem de parecer que não fosse o objecto do ensino público, mormente a respeito dos novos estudantes de Medicina, porque lhe faltaria huma condição indispensavel, qual he a approvação pública.

Vós sabeis tão bem como eu, quanto esta doutrina merece ser respeitada, ou por melhor dizer, de que consideração deve gozar ante hum Filozofa. Posto que os juizos do Público são geralmente os melhores, sobre tudo o que interessa a sua saude, não ignoro qual he o imperio do fanatismo, do engano, da opinião, e dos prejuizos  
que

que dominam o maior numero. Estou tambem totalmente persuadido que semelhante delirio não póde durar assás, e por tanto subscrevo ao juizo que da doutrina *Browniana*, quizer fazer o Público ainda não iniciado nos segredos da Medicina. Mas quando o fará elle? Sómente o poderá fazer depois de haver adquirido a este respeito dados sufficientes para sentenciar com conhecimento de causa; e livre já dos travões da ignorancia, e do erro, abraçar por necessidade esta saudavel novidade. Quantos prejuizos não se opposeram á enxertia das bexigas? Seu feliz successo convenceo em fim a quasi todos da grande utilidade desta prática, e entretanto na Inglaterra, França, Grecia, Alemanha he geralmente praticada. Ha porém humma parte do público, que não adoptou ainda o principio da enxertia das bexigas, nem o methodo refrescante usado ordinariamente nas enxertias. Ao contrario continúa a ter os doentes das bexigas encerrados em camaras quentes e longe do ar livre, dando-lhes a beber vinho quente. O que póde ter concor-

rído para adoptar-se erradamente este methodo, ( o qual fallando geralmente, he contra todos os principios ) he ter-se de facto reconhecido sua utilidade em algumas epidemias de bexigas, em que a fraqueza do enfermo embarça a erupção. Eu poderia provar com outros muitos exemplos, ( se os limites de huma carta o permittissem ) que parte dos prejuizos populares a respeito de Medicina, he muitissimas vezes estribada na experiencia dos seculos, e em não haver effeitos perniciosos, porque acontece frequentemente que o mesmo Povo não sabe distinguir os casos, nos quaes póde verdadeiramente applicar de hum modo conveniente o seu favorecido remedio.

Não penseis que eu queira constituir-me o panegirista dos prejuizos do vulgo, quando são prejuizos na verdade. Hum semelhante pensamento me offenderia, e estou bem longe de o merecer. Desejo sómente poder demonstrar o summo respeito com que olho para a opinião pública, e quanto aborreço o nome dos prejuizos, a fim de que

que vós me não attribuais hum espirito de partido, ou hum excessivo prazer dos systemas.

Examinarei pois brevemente certas opiniões, que reinam no Público, ácerca da nova doutrina de *Brown*, e do methodo ao qual serve de fundamento. Se as minhas forças poderem provar que as opiniões, de que vou fallar, são verdadeiramente prejuizos, não duvido que deixo de alcansar os suffragios de todas as pessoas illustradas, e capazes de servir á sociedade, sem contar que por este meio, a Medicina poderá enfim aperfeiçoar-se, e soffrer as calumnias de tantos escritores quantos della tem fallado sem a conhecer.

Agora, vou declarar-vos, meu querido amigo, as seis opiniões principaes contrarias á doutrina *Browniana*, e propostas por Medicos que se desvaíram nos seus raciocinios.

I. Dizem pois elles que a doutrina *Browniana* concorre para que os seus seguidores sejam bebados, e não tenham temperança.

2. Que os Medicos, que praticam segundo os preceitos deste systema, não receitam aos seus doentes mais do que opio, vinho, e outros estimulantes.

3. Que os principios de *Brown* transtornam, e destróem os methodos saudaveis introduzidos pelos Medicos, tanto antigos como modernos.

4. Que os Medicos moços, vista a extrema simplicidade, e facilidade do systema *Browniano* descuidam-se ou estudam superficialmente a arte de curar.

5. Que zombam de *Brown* em razão de pretender que o frio tido atégora por todos os Medicos, como roborante, he, na sua opinião, debilitante, e o calor, excitante.

6. Que este autor moderno ousa querer deomonstrar que o opio não he sedativo ou debilitante, mas sim excitante, ou estimulante.

Responderei por tanto a cada huma das ditas dúvidas pela mesma ordem, e depois de refutadas, terminarei a minha carta.

1. A doutrina de *Brown*, em toda a sua extensão, e em todas suas importantes consequencias, que deram nova luz pela Medicina, não he mais do que hum corollario da exacta, e simplicissima definição da vida, inteiramente desconhecida aos Medicos, julgando nós por todas as theorias, que nos deixaram. Hum ente vivo não vive senão por effeito da acção das forças externas sobre elle: não existe certamente por si mesmo, mas por huma propriedade da qual recebe hum principio de vida, com tanto que as forças externas estejam promptas a obrar sobre elle. He pois verdade dizer que vive n'huma relação absoluta, e que dentro d'elle não ha hum fundamento de vida proprio, e particular. Ha huma verdade analogá a este principio encerrada só na theoria, estabelecida por *Locke*, a saber, que he certo sermos devedores de todas nossas idéas aos objectos externos, que ferem nossos sentidos, e que não ha ahí huma só da qual possamos affirmar, e decedir que nos pertence, como

mo propria, sem dependencia dos objectos externos; verdade esta não sómente conforme á definição, que *Brown* deu da vida, mas que não he senão hum corollario desta mesma definição, relativo a huma parte da vida. Com effeito, a acção exercitada nos sentidos pelos objectos de que recebem as impressões, não se póde referir senão á lei geral do estimulante. Os Metafysicos foram mais felizes que os Medicos na investigação da primeira, e unica origem de todas as faculdades do entendimento; o que basta para estabelecer, e fundar solidamente os principios da sua sciencia. Os Medicos não tem sabido estender este facto a tudo o que obra sobre os entes vivos; o que os teria guiado á verdadeira, e completa definição da vida. *Brown* por tanto, e pelo effeito da sua sábia prática, e da sua filosofica sagacidade, achou hum principio simples, e encontrastavel sobre o qual assentou que devia estabelecer o seu systema. Adverte que todos os entes vivos possuem huma propriedade, que os distin-

tingue de si mesmos no estado de morte, e de qualquer outro corpo não organizado. Ninguém com razão pôde rejeitar esta proposição fundamental. Onde estará o homem acisado, que ousará negar que hum cadaver animal ou vegetal não esteja privado de hum principio commum aos outros animaes, e ás plantas vivas? Ao este principio da vida animal, chama *Brown*, *excitabilidade*. Se alguém houver a quem desagrade este nome, pôde mudallo em *principio da vida animal*, ou *principio vital*, com tanto que se attenda que não se falla aqui senão do homem fysico, e não da alma do homem.

Depois de estabelecidos os sobreditos nomes, *Brown* pergunta a si mesmo: por ventura basta este principio vital para dar a vida áquelle dos entes em que elle se acha? Ou ha por acaso necessidade de outras circumstancias para produzir este effeito? Não lhe foi difficil responder com satisfação a esta pergunta, considerando que nenhum ente vivo pôde existir sem o concurso do ar, do

calórico, dos alimentos, etc. Daqui conclue que não basta o principio vital para dar a vida, mas que he preciso tambem para isso o concurso das outras forças extrinsecas, ou externas, as quaes chama *forças excitantes*. A exactidão deste raciocinio he tão evidente que sem dúvida seria inutil de insistir mais nisto. E quem jámais pretenderá que sem ar, sem calórico, e sem alimentos, se possa viver?

Parece superfluo a *Brown* demonstrar que as ditas forças externas não bastam, sem o concurso do principio vital, para produzir a vida. Nós podemos introduzir no bofe de hum cadaver ar purissimo. podemos encher o canal das tripas de alimentos os mais nutritivos, sem que porisso recobre a vida.

Reconhecido desta maneira que nem o principio vital por si mesmo, nem as forças externas, sem o principio vital poderiam dar a vida, mas que ellas resultavam da sua reciproca acção, *Brown* estabeleceo; que a vida animal he o producto da acção destas forças

*externas sobre o principio vital.* Esta definição da vida animal parece-me tão nova como simples, e exacta. Ao menos até ao presente não pôde destruir-se por nenhum dos raciocinios com que fora contrariada.

Chegado a este ponto, o fundador da nova doutrina busca descobrir a relação, que existe entre o principio vital, e as forças excitantes. Depois de huma enfiada de experimentos feitos, ha vinte annos, achou a principal lei que da hi corre, e de cuja exactão cada hum pôde convencer-se, examinando os factos mais conhecidos, isto he, que o principio vital se diminue á proporção da intensidade ou da continuidade da acção das forças externas sobre elles, e *vice versa*.

Além das experiencias de *Brown*, muitos outros particulares provam esta verdade: eu me contentarei de expôr aqui huma só, para não vos fatigar com huma carta assás comprida. Eu vi fazer esta experiencia, pelo celebre *Alexandre Volta*, professor de Fysica em Pavia, e repetilla pelo Abbade *Spal-*

*Spallanzani*; ambos com a tenção de aclarar perfeitamente a dita verdade *Browniana*. Eis-aqui a experiencia. *Volta* pegou ao mesmo tempo em duas rans do mesmo tamanho, privou huma de todas as forças excitantes, a saber, do calórico, da luz, do ar, etc., e poucos dias depois, caio ella em asphyxia, então começou a picalla com huma agulha, e a rãe se resentia desta ligeira picadura; depois a expôz a huma branda commoção electrica, que a fez mover fortemente. Metteo a segunda rãe em hum vaso cheio d'agua quente aos vinte grãos do thermometro de *Reaumur*, e lhe applicou além disso todos os outros excitantes de que havia privado a primeira; o que não impedio que ella caisse tambem em asphyxia. Começou depois ápplicar-lhe excitantes mais brandos, mas a rãe ficou insensivel. Emfim elle a tocou com huma forte faisca electrica, e com esta se moveo mediocrementemente. Eu mesmo repeti a experiencia, e a achei infallivel. Eis-aqui, pois, huma nova confirmação da proposição de *Brown*,

isto he , que o principio vital se augmentou á proporção da falta ou da diminuição das forças excitantes , e *vice versa*.

Para fazer mais sensivel , não só esta lei , mas tambem a definição da vida , citarei , a pezar da sua apparente grossaria , huma comparação , a qual em muitas occasiões , o illustre *José Franck* allegou sobre o mesmo assumpto. Representemos o principio vital por huma véla , e os excitantes externos pelo ar , e pelo calórico ; a chamma será o symbolo da vida. Não se póde occultar que a chamma seja o producto do ar , e do calórico , que obram sobre a materia combustivel da véla. Assim que , quanto mais a acção do ar , e do calórico for fraca , menos a véla se consumirá , e mais a chamma , isto he , a vida durará ; ao contrario , quanto mais o ar , e o calórico forem vivos , e fortes , mais depressa se gastará a véla , ou mais a chamma se chegará ao seu fim.

Assim diminue-se o principio vital , e cessa a vida , quando os excitantes

obram com hum grandissimo gráo de força sobre amaquina animal. O gaz oxygeneo , por exemplo , gasta mui depressa o principio vital , como suspeitava *Macquer* , e como demonstrou o celebre *Fourcroy*. O calor excessivo diminue da mesma sorte o principio vital. Os habitadores da Zona torrida são magros , fracos , e vivem menos tempo que os Povos do Norte , o que attestão *Zimmerman* , *Ramazini* , e outros. O excesso na comida , e o abuso das bebidas espirituosas produzem o mesmo effeito ; afracando , e destruindo o principio vital , e dando hum vigor momentaneo , causam as mais perigosas enfermidades , e apressam a morte. A temperança pelo contrario prolonga a vida , gastando menos depressa o principio vital. Temos infinitos exemplos de pessoas que viveram longo tempo observando huma exacta moderação.

Examinai , pois , a definição da vida acima dada , e os principios que della correm , e dizei-me se elles podem guiar-nos para a intemperança.

E que ! ; O Medico *Brown* que diz sem cessar que a temperança he recompensada pela vida longa , póde ser accusado de ensinar que para conservar sua saude , he preciso comer com excesso , e beber até á bebedice ? Nem houve nunca doutrina que recommendasse tanto a temperança ao genero humano como a de *Brown*. Nós conhecemos por principio , e pouco mais ou menos , por demonstração mecânica , as causas que fazem morrer. Podeis pois ousadamente dizer áquelles que proferem semelhante absurdo , ( que *Brown* recommenda a intemperança ) que não entendem se quer os principios desta doutrina.

2. Todos sabem que *Brown* , a fóra os diversos vicios locais ou organicos , não admitte mais que duas classes de enfermidades , huma das que provém do grande vigor a que chama *esthenicas* , e a outra das que são effeito da debilidade , chamadas *asthenicas*. Contra as primeiras recommenda a sangria , os purgantes , o frio , a abstinencia de todo o alimento animal ,

e numa palavra, tudo o que he capaz de reduzir ao justo ponto as forças excessivas, que produzem a enfermidade. Contra as segundas aconselha os remedios tonicos, e excitantes, cujos principaes são, o *opio*, o *almiscar*, o *alcali volatil*, os *ethers*, a *quina*, o *alcanfor*, os *vesicatorios*, o *vinho*, etc., e o alimento animal de facil digestão.

Em consequencia do que atéqui tenho dito, he claro que a doutrina *Browniana* não recommenda para todas as doenças os remedios excitantes; mas unicamente roborar os fracos.

; E porque, me direis vós, os seguidores de *Brown* sómente receitam excitantes? Eu vou justificar o seu methodo a este respeito. Examinai a natureza dos paizes humidos, e o modo de viver da maior parte do povo, e particularmente dos habitadores do campo, que são obrigados de usar de alimentos pouco nutritivos. Considerai além disso os excessivos trabalhos que são obrigados de fazer, e a privação

absoluta em que estão de todas as bebidas espirituosas , e vós concordareis commigo sem repugnancia que a maior parte das enfermidades procede de fraqueza. Se examinais tambem o pequeno numero das pessoas que vivem commodamente , ainda ficareis mais convencido que o abuso dos alimentos , e dos licores espirituosos , as paixões vehementissimas , as vigias , o luxo , e a devassidão afracam igualmente o corpo , e produzem enfermidades muito mais graves que aquellas , que accommetem de ordinario ás pessoas pobres. Com tudo ellas são effeito tambem de se consumir , e gastar o principio vital. *Brown* dá diversos nomes a ambas estas especies de fraqueza. A que procede da falta dos excitantes , chama-lhe *debilidade directa* ; e a segunda que provém do excesso dos excitantes , *debilidade indirecta*. Serve-se destes nomes para distinguir os methodos de que se deve usar na cura das enfermidades , que resultam destas duas sortes de fraqueza.

Ha hi poucos homens capazes de

se nutrir bem , e de se applicar ao seu systema as forças excitantes , de sorte que se forme huma compleição excessivamente vigorosa , isto he , que possa concorrer para as molestias inflammatorias. Não ha por consequencia muitos casos em que convenha o methodo debilitante. Eu posso assegurar-vos que , geralmente fallando , entre cem doentes apenas tres padecem doenças inflammatorias. Hum Medico que pratica , não digo , fundado nos principios de *Brown* , mas sómente guiado pela boa razão , deve receitar , em cem casos differentes , noventa e sete vezes remedios excitantes. E por isso he facilimo de comprehender como o Público não observa senão pouquissimos casos , nos quaes os seguidores de *Brown* receitam a sangria , os purgantes , e os outros medicamentos antiflogisticos , entre tanto que toda a sua attenção he no maior numero de enfermidades , que pedem o methodo excitante , o qual , aos olhos do Povo , tem apparencia de novidade.

Eu vos considero , com tudo , intima-

ma-

mamente persuadido que a doutrina de *Brown* não exclue da prática a sangria , e os outros remedios refrescantes ; porque ella recomenda efficazmente o uso do methodo antiflogistico nas enfermidades causadas pelo excesso de força , para as quaes os excitantes seriam tão mortaes , como a sangria , os purgantes , a dieta , são nas doenças provenientes de fraqueza. O methodo inverso , do qual eu acabo de fallar , não he o dos Medicos illustrados , mas sim o da multidão ignorante , que sómente sabe achar dúvidas insensatas contra o methodo curativo proposto por *Brown* nas enfermidades nascidas de fraqueza. Advirtam pois taes pessoas quantos esforços fizeram os *Tissot* , os *Brendel* , os *Zimmermann* , os *Stoll* , para refrear o abuso homicida da sangria , e para mostrar a differença que ha entre as verdadeiras inflammções , e as inflammções nervosas. Não receio de o dizer áquelles , que ignoram os verdadeiros principios medicos , e que zombam do systema *Browniano*.

3. Por limitados que sejam os meus conhecimentos na literatura medica, tomo a peito provar perante todo o mundo que os preceitos práticos recommendados por *Brown*, são todos confirmados pela autoridade, e pela pratica dos mais famosos Medicos de todos os seculos. Acrescentareis vós pois: o systema de *Brown* não he tão novo como elle pretende. Distingo. O fundamento desta doutrina, e o caminho que seguio o seu fundador para applicallo aos diversos phenomenos da vida animal, parece-me que são inteiramente novos. *Brown* foi o primeiro que examinou as leis da economia animal pelo methodo analytico, e que applicou á Medicina os axiomas de *Newton*. Não se poderia dizer outro tanto da curação proposta por *Brown*, pois que hum grande numero de sabios práticos, guiados pelo raciocinio, ou pela simples experiencia reconheceo a grande vantagem do methodo curativo, que *Brown* descobrio, correndo pelas diversas ramificações da sua doutrina. Eu ouzo affirmar que os melhores práticos

cos

cos trataram mais destas duas classes de enfermidades, isto he, as *esthenicas*, e *asthenicas*, do que o mesmo *Brown*.

O immortal *Sydenham*, por exemplo, he geralmente estimado, como aquelle que nos ensinou a tratar com successo das doenças inflammatorias, e não ha nenhum homem razoavel que possa duvidar da excellencia do seu methodo nestas enfermidades. Assim o methodo curativo aconselhado por *Brown* contra estas mesmas doenças, deveria ser adoptado como o mais conveniente, visto que he inteiramente semelhante ao de *Sydenham*. Alli tendes pois que a doutrina *Browniana*, relativa á cura das molestias inflammatorias, não destróe certamente o methodo de que se servem outros Medicos habeis.

*Torti* ensinou como se devem curar as febres intermittentes, e a prática mais afortunada tem confirmado seus preceitos. De que methodo se servia elle? Recommendava a sangria, os purgantes, e a dieta? Não, elle considerava estes remedios como homi-  
ci-

cidas , e mais capazes de produzir as febres intermittentes do que curallas. Quereis vós persuadir-vos desta verdade encontrastavel ? Dai a hum enfermo acabado de sarar da febre intermittente , hum purgante , e vereis que a febre voltará logo. Eu continuo o meu assumpto. *Torti* confiava no methodo excitante , o qual he approvado por *Morton* , *Lind* , e outros sabios práticos. Estes recommendam contra estas doenças a quina , misturada com algum aromatico , o vinho , o opio , os alimentos nutritivos , e outros excitantes , de que vos podeis convencer lendo as suas obras.

Vejamos o que prescreve *Brown*. Inutil he referir aqui o seu methodo , porque he inteiramente conforme com o de *Torti*. Ora , se eu cheguei a demonstrar-vos pela autoridade que o methodo de curar as febres intermittentes , segundo os principios do novo systema , he excellente , que direis , se poder mostrar a sua bondade por huma feliz prática ? Eu fui testemunha que em Pavia , o professor de prática

ca

ca *Franck* , raras vezes gastou mais de dois dias em curar perfeitamente , com o methodo *Browniano* , as febres quartans rebeldissimas. Não vos citarei , tocante a mim , senão huma febre quartã rebelde , de seis mezes , que curei em dez horas. Estando em *Valdagno* , no estado de Veneza , fui eu chamado para huma mulher que havia seis mezes padecia febre quartã , e que tinha tomado muitos vomitorios , e purgantes , receitados pelos Medicos do paiz. Havendo-me informado bem á cabeceira da enferma de todas as circumstancias da sua enfermidade , ella me disse que neste mesmo dia esperava o paroxismo ás sette horas da tarde. Para atalhar estes , receitei-lhe cinco grãos de opio desfeito em cinco onças d'agua de ortelã , com duas oitavas de xarope de papoilas brancas , mandando tomar á doente huma colher de sopa deste remedio todas as horas ; no mesmo tempo lhe prescreyi alimentos nutritivos , e bom vinho , e para bebida ordinaria agua simples misturada com agua ardente , e mel. Lá pe-  
la

la tarde, á hora em que o paroxismo costumava apparecer, visitei a doente, mas a febre ainda não tinha apparecido. Então, fiz repetir o mesmo remedio, dando de tempo em tempo hum pouco de ether sulfurico. A enferma passou a noite muito bem, e desde este momento ficou inteiramente livre da febre. No dia seguinte, ordenei-lhe tambem por algum tempo, a quina misturada com canella.

Eu vos asseguro, meu querido amigo, que, de todas as febres intermittentes, a quartã he a mais facil de curar. Se esta proposição he contraria á opinião commum, não he certamente á verdade, e á prática. Eu consultei tambem *Weikard*, que a confirma por estas palavras na sua nova obra, *Quanto maior espaço ha entre os paroxismos das febres intermittentes, mais benigna he a febre*, Por consequencia, as febres subintraentes ou remittentes são as mais perigosas, e as mais difficeis de curar, entre todas as outras febres intermittentes: numa palayra, a facilidade, e a dif-

difficuldade de curar as febres intermitentes estão na razão inversa da apyrexia ou intermissão, isto he, quanto esta mais dura, menor he a difficuldade de curar a febre, e *vice versa*. Creio que as febres quartans raras vezes são perniciosas. Com tudo, estas especies de febres são quasi sempre o typo das febres subintrantes ou remitentes, das quotidianas, e das terçans. Qual he pois, me perguntareis a origem da opinião geral que a febre quartã he mais difficil de curar que a terçã, e a quotidiana? Respondo-vos tambem com *Weikard*, que os Medicos, seguindo nisto o prejuizo commum, não fazem nas febres quartans senão resolver, purgar, e excitar sem utilidade vomitos, prohibindo, além disto o uso do vinho, e dos alimentos nutritivos. Ora, este methodo he muito capaz de fazer com que as febres quartans sejam rebeldes, e que degenerem em hydropesia, ou noutra enfermidade chronica.

Eis-aqui de que methodo ao presente se serve *Brown* para curar as febres

bres podres , ou para melhor dizer , as febres nervosas. ; Julgaes que seja pela sangria , pelos purgantes , ou por outro qualquer que enfraqueça ? Não : he nestas occasiões que elle condemna , e reprova severamente esta prática , como verdadeiramente homicida : segue hum caminho totalmente contrario , porque o seu empenho he restaurar as forças abatidas do systema. Os principaes remedios de que se valem , *Brown* e todos os seus seguidores , e a que recorrem nestas doenças , são , o *almiscar* , o *alcanfor* , os *ethers* , e particularmente o bom vinho , &.

; Este methodo , direis vós , e as pessoas versadas na literatura medica , he o mesmo de *Riverio* ? Este methodo não he tão novo como se poderia imaginar : convenho. O methodo *Browniano* para as febres nervosas não he certamente diverso daquelle dos *Morton* dos *Huxam* , dos *Pringle* , dos *Riverio* , os quaes , com elle fizeram infinitas , e maravilhosas curas. *Brown* he talvez mais moderado que estes autores em receitar os excitantes : todavia in-

insiste expressamente em que se dem  
muitas vezes , e em pequena dose , ten-  
do cuidado de suspender logo o seu  
uso , para recorrer a outros menos vio-  
lentos , e mais proprios para a con-  
servação do principio vital. Eu fiquei  
inteiramente persuadido em Pavia da  
bondade desta prática , adoptada pelo  
celebre professor *Scarpa* , em todas as  
febres nervosas , com o mais feliz suc-  
cesso , sobre tudo nas gangrenas. Cos-  
tumava elle ordenar aos seus doentes ,  
em vinte quatro horas oitava , e meia  
de alcanfor com extracto de quina , e  
além do cozimento da mesma mistura-  
do com agua de canella , o vinho em  
abundancia , e os alimentos nutritivos.  
O professor de prática *José Frank*  
praticava o mesmo nas febres nervo-  
sas , e aconselhava nellas muito vinho.  
Todos os Medicos antigos reconhece-  
ram a efficacia do vinho em todas as  
doenças nervosas , cuja origem he a  
fraqueza. *Asclepiades* , entre outros ,  
se distinguio pelas boas curas que fez  
com vinho , segundo attesta *Plinio*. Po-  
rém os modernos , que confirmam esta  
fe-

feliz prática, são innumeraveis. Os *Pringle*, os *Huxham*, os *Todi* exaltam a excellencia do vinho nas mesmas febres, quando se bebe em grande quantidade. *Veikard* confessa que antes de ter conhecido a doutrina de *Brown*, aconselhava com successo o bom vinho, bebido abundantemente nas febres nervosas. Da mesma sorte o celebre *João Pedro Franck*, actualmente professor de prática em Vienna, curava muitas doenças nervosas, só com vinho generoso. A todas estas observações posso ajuntar as minhas. Eu aconselho muitas vezes aos pobres, que não podem comprar remedios, e que padecem febre nervosa, o vinho generoso na quantidade de cinco libras em vinte quatro horas, e declaro ter visto optimos effeitos, particularmente em hum doente desamparado de outros Medicos.

Não acabaria eu nunca, se quizesse continuar o parallelo começado entre a prática de *Brown*, e a dos outros Medicos habeis ou de fama. Julgo ter dito bastante para vos persuadir que

que a doutrina *Browniana*, além de não contradizer os methodos saudaveis introduzidos na Medicina, os confirma por infinitos argumentos os mais demonstrativos.

4. Eu não podia comprehender qual he o ramo da sciencia physico-medica, cujo estudo a doutrina *Browniana* prohibe. Quem emprenhesse o estudo do novo systema sem os elementos das Mathematicas, sem a Fysica geral, e particular, e sem huma boa Logica, emprenhenderia huma coisa vã. A Quimica não he menos necessaria para o exacto conhecimento desta doutrina. Como se póde entender a acção do ar, do calórico, da luz, dos alimentos nos entes vivos, não sendo bom Fysico, e bom Quimico? Como se explicarão infinitos phenomenos quimicos, que acontecem no estado enfermo, ignorando-se os principios da Quimica? Em fim, como se descobrirão os verdadeiros antidotos dos venenos introduzidos no estomago ou applicados a outras partes do corpo, não se conhecendo as principaes leis de affinidade?

*Brown* jámais proscreevo nas suas obras o estudo da Anatomia, como fizeram *Hyppocrates*, e *Sydenham*. Credes vós que o estudo da Anatomia não he igualmente necessario a hum bom Medico que deseja abraçar, e seguir a doutrina *Browniana*? Quem póde oppor-se a esta verdade? Qual he, ou onde está o práctico, ignorante de Anatomia, que possa ter idéas perfectas das enfermidades locaes internas? E quanto não devemos nesta parte aos grandes conhecimentos anatomicos de *Morgagni*, a quem *Brown* mostra huma tão perfeita veneração?

O novo systema, estabelecendo em que consiste necessariamente a vida, e não admittindo mais do que huma força simples, indivisiavel, propria a todos os entes vivos, e produzida pela acção do estimulante sobre a excitabilidade, acha nesta força o principio de todas as funções que pertencem immediatamente á economia animal, distinguindo ahi os casos onde outras causas concorrem para a sua perfeição.

E he por isso que não se póde accusar *Brown* de inspirar aversão á Fysiologia, em tanto que o seu systema he inteiramente estabelecido sobre bases fysiologicas. ; Quantas vezes *Brown* e todos seus discipulos não recommendaram estudar o homem no estado de saude primeiro que se examinasse no estado de doença? Se a nova doutrina pois rejeita hoje da Fysiologia as hypotheses, de que ainda está recheada, devemo-nos queixar disso? ; Acharemos mau, e desacertado que os seguidores de *Brown* estudem esta parte da Fysiologia, que trata da digestão, da chylicação, da circulação, e da respiração? Não por certo.

Tocante á Pathologia, seria esta a unica sciencia que não podesse conciliar-se com a simplicidade *Browniana*. ; Porém que Pathologia he esta? Não he certamente a que se funda na Fysiologia livre de hypotheses, em que as doenças são classificadas segundo a ordem natural, e que nos allumia á cabeceira do enfermo. *Brown* não fere mortalmente senão a Pathologia es-

colastica , e todas estas innumeraveis , e artificiaes subdivisões de causas , e de symptomas , assim como a multiplicação imaginaria das acrimonias ácidas , e alcalinas , que , em lugar de instruir a mocidade , a enchem de prejuizos. Numa palavra , *Brown* só faz guerra a esta Pathologia , de que nos devemos esquecer , a fim de sermos bons Práticos.

Hum Filosofo que demonstrou , a muitos respeitos , huma doutrina , a qual á primeira vista parecia quimerica , e paradoxica , que , distinguindo os caracteres da verdade , nos declarou os principios enganadores sobre que repousavam tantos sonhos filosoficos , apraziveis delirios de huma imaginação exaltada , deixou-nos (1) em suas obras alguns rastos luminosos , os quaes em razão da similhaça que tem com certas verdades fundamentaes de *Brown* , eu julgo a proposito tocar levemente nelles. Nas suas observações ácerca da Pathologia se explica assim. *¿ Todos os principios da Pathologia não se po-*  
de-

---

(1) Changeux , Tratado dos extremos.

deriam reduzir a hum só ; isto he ; não seria possível de referir ao excesso , e á diminuição ou falta todas as enfermidades , e de tirar deste unico principio as consequencias as mais seguras para o seu diagnostico , prognostico , e sua curação ? He huma verdade contrastavel que veremos desenvolvida na nova doutrina de *Brown*. Restava sómente determinar quaes eram estas forças ou esta propriedade de que o excesso , e a falta deviam ser a causa unica das enfermidades. *Brown* sómente pela observação da acção do estimulante , o qual , em todos os entes vivos , produz , e regula todo o systema da vida , todos os diversos estados da saude , e da doença , estabelece huma singellissima , e assás intelligivel devisão de todas as molestias em geral. Divide-as primeiramente em enfermidades locaes , e em geraes ou universaes. Depois reparte estas ultimas em *esthenicas* , e *asthenicas*. As primeiras são todas as que provém de muito vigor , isto he , as verdadeiras inflammatorias. As segundas são todas

das aquellas que procedem de fraqueza. Estas subdivide-as em doenças provenientes de debilidade directa , e em doenças que provém da debilidade indirecta. Estribado nesta divisão prescreve os seus remedios , a saber , nas enfermidades locaes , remedios locaes , e nas geraes , os remedios geraes. Eis-aqui a simplicidade da *Pathologia Browniana* , e se vós a pozerdes em prática , a achareis infallivel. Ella he que nos tem tirado do labyrintho pathologico , que confundia os symptomas com as causas , e estas com os symptomas.

Passemos ao exame da boa Logica que reluz na doutrina *Browniana* tocante á materia medica. Não admitindo *Brown* , como dissemos , senão duas classes universaes das doenças , faz huma divisão simples , e natural dos remedios em duas classes , a saber , em debilitantes ou antiflogisticos , e em excitantes ou tónicos , e com ella ficaram assás desacreditados os innumeraveis volumes , escritos nesta materia , na qual sómente se deve buscar a simplicidade , e a exacção.

Ha pouco mais ou menos quarenta annos que o famoso *Sauvages*, affirmou em huma dissertação premeada pela Academia de Bordeos, concernente á acção dos medicamentos sobre o corpo humano, que não havia differença alguma no modo de obrar dos medicamentos, e dos venenos, e que toda sua força he relativa ao estado, em que se acha o corpo vivo quando se lhe applicam, e á sua quantidade. Além disto, não achou outra differença entre os medicamentos, e os alimentos, senão que os primeiros possuem maior virtude excitante do que os segundos. Este principio tão sublime como verdadeiro, foi achado por *Brown* exacto, depois de o ter examinado; o qual assentou que todas estas divisões arbitrarías da materia medica não só são inúteis, mas até arriscadas na Medicina. Com effeito de que servem estas numerosas distincções de remedios peitoraes, emmenagogos, sudoríficos, antisepticos, cefalicos &c., senão de multiplicar palavras sem sentido, e por conseguinte de embrulhar,

e confundir o espirito da mocidade, sem nenhuma utilidade? ; De que servem tambem os remedios especificos, senão de provar a ignorancia singular do que confiar na sua virtude?

Vós imaginaes talvez que o catalogo dos remedios necessarios a hum *Browniano* deve ser brevissimo. Enganaes-vos. Tão prejudicial seria a grandissima simplicidade como a superfluidade. Estou convencido que elle deve admitir grande quantidade de drogas, ainda querendo fazer huma materia medica, fundada no systema de *Brown*; materia, sobre a qual trabalha actualmente o professor de prática *José Franck*. Porém vós me perguntareis; bastará que hum Prático conheça sómente dois remedios, hum debilitante, e outro excitante ou tonico; tendo *Brown* dividido as enfermidades em duas classes; isto he, em *esthenicas*, e *asthenicas*? Eu vos respondo que para as enfermidades, *asthenicas* adopta *Brown* a sangria ou os purgantes, a dieta, o frio, o ar impuro, o ocio, e a falta de contracção das fibras musculares ou de exercicio,

os alimentos vegetaes , o medo , a ausencia da luz , todas as sensações desagradaveis , e tudo o que póde directamente diminuir o excitamento. Mas , para as enfermidades *asthenicas* ha necessidade de mais remedios. Segundo a occasião , convém hum estimulante mais ou menos forte , e em certos casos a acção deste estimulante deve ser prompta , e passageira , e noutros mais tardada , e mais duravel. Ha pessoas que não poderão supportar dois ou tres remedios excitantes , quando hum quarto lhe seria convenientissimo. Nas enfermidades chronicas , os remedios do costume , depois de certo tempo , já não obram com a energia necessaria ; porque o corpo se habituára a acção que lhe he propria ; e porisso cumpre receitar outros. Em fim , ainda que certos remedios obrem mais numa parte do corpo do que noutra , ou pela affinidade que tem com esta parte , ou por outra qualquer lei ; todavia o seu modo de obrar he igual em todo o corpo. Assim que , he bom reccorrer a estes remedios , quando huma enfer-

midade universal, além do vicio de todo o systema, affeição mais particularmente alguma parte do corpo. Por exemplo, no caso de inhabilidade para a geração, produzida pela fraqueza, he preciso usar dos remedios tonicos, e daquelles, que, além do estimulo que communicam a todo o corpo, obram particularmente sobre as partes da geração.

Eu já disse que *Brown* sómente admittia duas classes de remedios, a saber, os debilitantes, e os tonicos. Mas he preciso saber que subdivide os tonicos em duas classes, huma daquelles cuja acção he permanente, e se communica lentamente, aumentando o excitamento, e a estes se chamam *excitantes* ou *estimulantes permanentes* ou *fixos*; e outra das que affeioam a maquina menos tempo, mas com maior violencia, e mais presteza; e estes se chamam *estimulantes* ou *excitantes diffusivos*. A primeira classe comprehende todos os alimentos animaes, o vinho ordinario, o gaz oxygenico, o movimento, a attenção d'alma, as sen-

sa-

sações agradaveis , o calor , a quina , a mostarda , as limalhas de ferro , a scilla , o mercurio , a gomme ammoniac , o antimonio , o azevre , todos os aromaticos , o chá , o caffè , &c. A segunda encerra o alcohol , a agua ardente , todos os vinhos generosos , os espirituosos , o almiscar , o alcanfor , o opio , o alcali volatil , os oleos , &c.

No que toca á parte curativa da Cirurgia , he inteiramente sujeita aos principios desta doutrina. A cura de huma parte particularmente affeiçãoada de enfermidade curavel pelos remedios cirurgicos , se fundará sempre no aumento da acção do estimulante quando este falta , e na sua diminuição , quando he excessivo. O mesmo tratamento de muitas enfermidades cirurgicas he huma confirmação da doutrina *Browniana*. Com effeito o descobrimento das duas especies de debilidadade , e a reduccão a estas duas especies de hum grande numero de enfermidades , que dantes se consideravam de baixo de hum ponto de vista contra-

trario , são verdades immediatamente uteis na prática da arte de curar , e consequencias evidentes dos principios fundamentaes do novo systema. Ora , a boa Cirurgia , antiga , e moderna , por huma divisão mais facil , e mais simples das enfermidades , que lhe pertencem , verificam muitissimas vezes esta mesma consequencia , abraçando nas diversas doenças hum methodo estimulante , efficaz , posto que até ao presente não se tenham escorado sobre seus verdadeiros principios , quero dizer , a fonte , e a natureza dos dois differentes estados de debilidade.

A nova Cirurgia tem sido mais feliz que a antiga na cura das chagas malignas das pernas , as quaes foram quasi sempre a vergonha da arte. Hoje em dia curam-se optimamente pelo methodo publicado em Londres por *Underwood* , depois do novo systema , methodo absolutamente contrario áquelle usado pela maior parte dos que saem das escolas de Cirurgia. Huma perfeita atadura compressiva , o movimento , os alimentos nutritivos , o vinho , e a ap-

plicação dos estimulantes á parte , entre outros , do oxydo do mercurio pelo acido nitrico , isto he , pos de *Joannes* ; são os meios que tem de mais a seu favor as numerosas observações do seu autor , e dos outros Inglezes que os abraçaram. Eu mesmo vi varias vezes chagas chronicas das pernas , e de pessima natureza , perfeitamente curadas com o methodo de *Underwood* , e especialmente , no anno passado , na clinica de Cirurgia do celebre *Scarpa* , que foi o primeiro que na Italia fez conhecer esta excellente obra , a qual mereceria andar entre as mãos de todos os Cirurgiões , que tem a peito os progressos da sua arte , e o alivio de seus similhantes. *Brown* não prohibe certamente que se applicuem a esta parte da arte de curar. Antes ao contrario lhe forneceo explicações uteis , e extensas.

Depois de tudo o que vos tenho dito até aqui , espero que ficareis convencido que a nova doutrina não dissuade , nem desvia ninguem do estudo profundo da arte medica. Para reduzir de

po-

pois esta doutrina á prática , cumpre attender mui escrupulosamente , e com o maior discernimento á distincção das enfermidades *esthenicas* das *asthenicas*. O Medico , tomando humas pelas outras póde causar grandissimos males , dos quaes o systema *Browniano* será inteiramente innocente. Todavia não basta deixar de cair em enganos ácerca deste ponto ; importa conhecer , e distinguir das sobreditas doenças os vicios locaes disfacilimos de curar. Demais he necessario saber se a enfermidade *asthenica* procede da falta ou excesso de estimulante : cumpre tambem avaliar o gráo de debilidadade ; se he grande ou pequena , e se esta requer hum remedio tonico de virtude pronta , e passageira , ou de acção lenta , e permanente , isto he , se requer hum excitante diffusivo , ou fixo. Finalmente , he preciso saber bem debilitar nas enfermidades *esthenicas* até o gráo em que as forças da maquina estejam redusidas ao estado de saude , e roborar nas enfermidades *asthenicas* tanto quanto for necessario para recobrar

brar o estado de saude. Com effeito se hum enfermo *esthenico* he debilitado a ponto que exceda a proporção do aumento das suas forças, cæe infallivelmente na enfermidade *asthenica* ou debilidade directa. Ao contrario, se hum doente *asthenico* he excitado ou roborado mais do que he necessario, elle passa certamente para huma doença *esthenica*. Eu tenho reconhecido mais de huma vez na minha prática a infallibilidade desta lei *Browniana*.

5. Qualquer que estudou os principios de huma Fysica rasoavel, está persuadido que o frio não he materia que existe na natureza; mas a ausencia da materia do calor. Qual he pois, o homem de bom ciso, que possa negar que aquillo que não existe na natureza não póde obrar sobre os corpos vivos? Todos aquelles, que reconhecem os principios da razão, e da Fysica, concordam que a materia só obra sobre a materia. O frio, por tanto, sendo a ausencia de huma materia tão necessaria á conservação da vida  
ani-

animal, e vegetal; como póde obrar sobre os corpos vivos, e roborallos? Eu presumo que este erro procede de observar-se que o calor dilata, rarefaz e amollesce os corpos, e que a sua ausencia os aperta, e os condensa. Mas nisto, vai-se muito longe da verdade, porque não se observa com olhos filosoficos que o calor não produz os mesmos fenomenos sobre todos os corpos organicos, e inorganicos, fluidos, e solidos, vivos, e mortos. Eu não me estenderei mais sobre esta asseveração, que he fora do meu assumpto: digo sómente que o calor obra sobre os corpos organicos de outro modo que sobre os inorganicos. Nós vemos que o calor aperta os couros, os páos, &c., em qualquer estado que estejam, e que ao contrario, dilata os metaes, &c.

*Brown* pois observando, como Medico Filosofo, que a materia do calor, assim como todas as outras materias, obra nos corpos vivos, estimulando, pergunta, e como se poderia fazer que a ausencia deste poderoso excitante tivesse a propriedade que até

gora se lhe attribuo? Diz mais: se o frio que não he nada na natureza, he hum excitante, e por consequencia hum corroborante, será verdade que a ausencia da luz, do ar, dos alimentos deverá ser hum roborante! ; Que absurdo tamanho! ; Quem crerá que sem luz, sem calor, sem ar, sem alimentos, hum corpo animal ou vegetal poderá viver? ; E quem negará que a ausencia particular do calor não produza a lethargia nos *marmottas*, especie de rato, e o aspecto cadaveroso que vemos nas plantas no inverno? ; Qual he, por exemplo, a causa que faz que na primavera se veja reviver as plantas, os *marmottas*, as serpentes, e os outros animaes, senão o calor que estimula, e que roborá estes corpos organicos vivos? Como, pois, privando o ser vivente animal ou vegetal, de huma materia tão necessaria á sua existencia quereis vós que elle se corrobore? He isto o mesmo que aconsellar a sangria, a purga, e a dieta para roborar a maquina animal. Perguntai aos jardineiros porque no ou-

omno encerram as plantas, e as conservam em lugar quente. Elles vos responderão como hum Filosofo, que he porque a ausencia do calor mata as plantas. Todos aquelles que zombam de *Brown* acerca desta proposição, não podem proyar que a ausencia da luz, do ar, e em geral, que todas as privações, até particulares, das coisas necessarias á conservação da vida, sejam corroborantes. Elles mesmos não negarão que o frio seja absolutamente a ausencia do calor, a qual terá a mesma facultade que todas as outras privações. Eu advinho que vós me ides fazer os argumentos seguintes.

1. O frio he corroborante, porque os povos do norte são mais fortes, e mais robustos que os da Zona Torrida.

2. O frio he corroborante, porque nos achamos mais fortes no inverno do que no verão.

3. O frio he corroborante, porque no inverno produz as enfermidades inflammatorias, e no verão as de debilidade.

4. O frio he corroborante , porque os banhos frios são uteis nas doenças de fraqueza.

Para responder a cada huma das vossas duvidas , eu vou demonstrar-vos que o frio não he tal como se vos representa.

1. Esta duvida nada fáz á vossa proposição. Quem conhece estes paizes sabe bem que os seus habitadores nem são tão fortes , nem tão robustos como vulgarmente se crê. Mas elles supprem a falta do calor com o grande uso dos fogões , das pelissas , dos bons mantimentos , da cerveja , e das outras bebidas espirituosas , como o certifica *Veikard* ; o qual foi Medico na Russia durante hum certo tempo. O mesmo autor accrescenta que no inverno , se acha alli , muitas vezes , pelas ruas homens mortos , por lhes ter faltado os estimulantes precisos para supprirem a ausencia do calor. Fundado pois *Brown* nos principios cuja verdade demonstrou , como fica provado , sustenta que o excesso dos estimulantes produz a debi-

lidade indirecta , assim como a sua falta causa a debilidade directa. Não he pois de admirar que os povos da Zona Torrida sejam mais fracos que os povos do Norte. Porque os segundos se defendem do frio por meio dos estimulantes , os primeiros não podem evitar o excitante cotinuo do calor , e assim cáem infallivelmente na debilidade indirecta , e , gastando o principio vital , morrem antes de chegar á velhice.

2. Perguntemos aos asthmaticos , aos hydropicos , aos leuco-phlegmaticos , a todos aquelles que estão doentes por fraqueza , e em fim aos pobres , que não podem ter fogo em suas casas , nem de que se vestir , como se acham no inverno , em que não ha huma total privação do calor. Elles responderão certamente que são fraquissimos. Mas para me explicar em geral sobre esta proposição , digo que quando o coração , e as arterias estão dotadas de huma energia sufficiente , a atmosfera em que vivemos , possuindo menor gráo de calor que os

nos-

nossos corpos, attrahe, por assim dizer, da sua superficie externa o calor, que se põe em equilibrio, segundo as leis da fysica. Eis-aqui porque, produzindo a fraqueza nos vasos da superficie externa, diminue, e enfraquece mais a transpiração, sem chegar a supprimilla de todo. Sentimos dentro em nós hum pezo causado pela sobra da materia transpiravel, e quando gozamos da boa saude, somos despertados para o movimento. He por esta razão que á chegada do inverno nos sentimos tão espertos, e tão robustos que corremos pelas ruas, e buscamos todas as occasiões de exercitar nosso vigor. Mas se a perda do calor de nossos corpos continúa, e se a força debilitante além da superficie externa, affeição tambem as partes internas, então esta energia, esta agilidade, e esta força desaparecem de pressa. Estou persuadido que os ricos passam melhor de inverno do que no verão. Todos elles tem meios possiveis de se livrar do frio: moram em casas quentes; bebem ordinariamente be-  
bi-

bidas estimulantes , comem alimentos nutritivos , e andam emfim bem vestidos. No verão , ao contrario , não podem evitar o grande estimulante do calor que excede muito a todos os outros. E por isso he que não estão mais isentos que os outros homens de cair em asthania. *Brown* tambem não nega que o excessivo calor produz a fraqueza , como todos os outros estimulantes , quando são immoderados.

3. Em diversos pontos de vista podemos fazer a advertencia seguinte , a saber , que os homens são capazes de persistir em seus prejuizos , e opiniões erradas , bem que a razão , e experiencia lhes demonstrem claramente o contrario. Eu posso citar para exemplo a theoria da podridão de nossos humores , e a absurda doutrina , que o frio corrobora , e o calor debilita , sem distinguir os casos em que isso póde acontecer. Ha hi que admirar ! Nem os raciocinios , nem os experimentos tem força alguma contra os prejuizos dos Medicos. O estimulante do

do calor produz effeitos mais sensiveis sobre a superficie externa da machina, do que sobre a interna; e torna-se sobre tudo mais activo, quando fora precedido de frio. Sem embargo o frio accumula a excitabilidade, isto he, dispõe-na mais para estimulantes. Assim que, no inverno, a excitabilidade, sendo accumulada, e expondo-se o homem ao calor ou aos outros excitantes, que acham a excitabilidade mais susceptivel, estes estimulando-a, produzem facilmente a enfermidade inflammatoria universal com huma maior afeição de qualquer parte, onde a excitabilidade tenha sido mais desfalecida; isto he, que se a susceptibilidade he maior no bofe, segue-se dahi a peripneumonia, e se he maior na goela, nasce a esquinencia, e assim as outras enfermidades inflammatorias.

Nós vemos verificar-se o que diz *Brown* a este respeito, pois que as doencas inflammatorias, como observamos, se manifestam na primavera. Com effeito, achando-se a excitabili-  
da-

dade no inverno accumulada no nosso corpo, pela falta do estimulante do calor, sobrevindo calor moderado, que ache o corpo disposto, produz a inflamação. Vê-se no verão ás vezes doenças de debilidade, porque o calor, como já disse, quando he immoderado, produz a debilidade indirecta. He facil de comprehender que os corpos, sendo estimulados, continuamente com excesso, cáem com facilidade em doenças de debilidade, por estar então a sua excitabilidade mais gasta. Porém tanto mais as epidemias terriveis de febres nervosas dominam no inverno, quanto mais o seu furor se afracca no verão, e recobra as forças na estação fria. *Volney* conta (1) que, no *Egypto*, a peste reina no inverno, e desapparece no verão. Nem por isso attribuo este phenomeno á força debilitante do frio, mas sim á necessidade que obriga os pobres amontoar-se de inverno em casas terreas, onde o ar se corrompe logo, e se torna maligno, e matador: em fim

---

(1) Voyage en Syrie & en Egypte Paris, 1787.

observamos constantemente no inverno gangrenas *asthenicas*, e por que? Porque a atmosfera tirando de nossos corpos particulas do calórico, os afraça excessivamente.

4. Usando-se no verão dos banhos frios nas doenças de debilidade indirecta, convenho que podem ser vantajosos em taes molestias; mas certamente o não são jámais naquellas, que dependem da debilidade directa. *Brown* (1) recommenda que nunca se tire o estimulante nas debilidades directas esperando tirar maior utilidade dos outros excitantes successivos. *Accrescenta*, „ *Quoties enim id sit vitiatus status augetur et si magna forte debilitas est, augmen ejus, incitabilitatis mortem adducere, non vires augere periclitantur*, que quer dizer, porque sempre que isto se põe em prática se aumenta o estado doentio, e se acontecer que a debilidade seja grande, qualquer ulterior aumento da incitabilidade pôde causar a morte, jámais aumentar a força, e o vigor.

He

(1) Elem. Med. XLVI.

He tambem no principio que o estimulante do calor obra sempre, tanto mais promptamente quanto a excitabilidade he mais accumulada. Assim, pois, por exemplo nas doenças de debilidade indirecta, nas quaes a transpiração falta, deve-se lavar primeiro o corpo com agua fria, e depois expollo ao calor. Deste modo, a excitabilidade se aumenta nos vasos da pelle onde o aumento de excitamento acontece mais facilmente. A doutrina absurda, que ensina que os banhos frios corroboram, e que os quentes debilitam, nasce de não se distinguirem os casos em que isso póde acontecer. Se esta proposição he verdadeira; por que se não aconselham banhos frios aos hydropicos, áquelles que padecem a febre tercã, e a quartã para os roborar? Que melhor remedio haveria para os fortificar? Porém hum tal remedio roborante levaria tambem os doentes á sepultura. Pelo contrario, os banhos quentes são efficacissimos em geral nas enfermidades asthenicas. O professor de prática em *Pavia* Pedro

dro *Frank* os adoptou em todas as febres nervosas, e noutras semelhantes doenças asthenicas, com bom successo, e utilidade, e tem resuscitado, por assim dizer, os enfermos por este methodo. *Brown* pois, aconselha justamente o frio nas enfermidades flogisticas, como hum dos melhores debilitantes, porque diminue o excitemento, e numa palavra, debilita. Este methodo he presentemente assaz usado na Italia, não só nas enfermidades flogisticas universaes, mas tambem nas locaes, porque eu vi *Malacarne*, professor de Cirurgia em Padoa, *Nessi*, professor de partos em Pavia, *Paleta*, primeiro Cirurgião do grande Hospital de Milão, adoptarem o frio no principio das doenças inflammatorias locaes, causadas pelas pizaduras ou pelas feridas, e obter as mais felices curas. *Souker* attesta igualmente ter tirado em semelhantes casos, summa utilidade. Nas hernias por affogamento, no principio, acompanhadas de tezura, e de inflammção, que remedio seria mais proprio do que agua fria, e a neve?

*Brown*

*Brown* mostra filosoficamente que o calor he o balsamo vital, tanto para os animaes como para os vegetaes. ; Onde existe o Medico que até ao presente tenha sustentado que o calor estimulando pôde contribuir muito, para tirallos do estado de fraqueza, e mudar este no de saude? *Brown* imitou os antigos Gregos, e Romanos, que mandavam lavar os mortos em agua quente, suppondo ser o meio mais capaz de os resuscitar. Eu quero dar-vos conta de huma observação mais moderna que fiz a respeito do calor em Paris, no hospital militar do *Val-de Grace*, o qual eu frequentei, e onde se ensina a Medicina, a Cirurgia, e a Farmacia theoricas, e prácticas. O professor *Larrey* serve-se alli com utilidade, nas chagas chronicas, de carvões ardentes que chega ás chagas, e desta maneira allivia o doente. Se o calor, pois, debilita, ; porque, applicando-se nesta occasião, não produz nelle a gangrena da parte a que se applicou?

6. Emfim , eu vou declarar-vos qual he o grande remedio pelo qual se distinguio , e abalizou particularmente *Brown*. Sabe-se que este Medico Escossez não reputa o opio como sedativo ou debilitante , mas que lhe attribue huma grande virtude excitante. Em reconhecimento desta preciosa descoberta , o Collegio de Medicina de Edimburgo lhe erigio nesta Universidade huma estatua , pondo-lhe por inscripção estas palavras familiares a *Brown* : *opium me hercle non sedat* , isto he , o opio na verdade não me afraca. Eu passo a referir-vos os seus mesmos raciocinios , deixando ao cuidado dos seus adversarios o examinallos , e comparrallos com as suas proprias observações.

Em consequencia de tudo o que vos disse no principio da minha carta , he claro que , cessando o excitemento , ou pela excessiva accumulção da excitabilidade , ou por esta haver cessado de todo , então segue-se a morte. Porém se pelo ex-

ces-

cesso da excitabilidade , isto he , pela debilidade directa , ou por haver cessado a excitabilidade , isto he , pela debilidade indirecta , o excitemento cessa só por algum tempo , de sorte que no primeiro caso , o excesso , e no segundo , a cessação da excitabilidade , possa tambem reduzir-se a justos limites , he então que nasce o somno. He bom advertir que , em similhante caso , ou o excesso , ou a cessação da excitabilidade deve chegar sómente a certo ponto , que he aquelle , que produz o somno. Eu me explico ; hum certo gráo de fraqueza produz na maquina este gráo , do qual resulta o somno , hum maior gráo de fraqueza ou de força produz a total vigilia. Para produzir , pois , o estado de somno , he necessario hum certo gráo de estimulante , e de excitante , que não seja excessivo nem muito fraco , para que ambos estes extremos causem a vigilia. O calor moderado , o mantimento , as bebidas , as fadigas , o exercicio da alma produzem

zem o somno , quando seu estímulo não he assaz forte , pois que neste caso produz a vigilia , como a observamos ás vezes na bebedice , e em consequencia de excessivos trabalhos do corpo , da profunda applicação da alma , e de huma acção muito energica de alguma paixão sobre a maquina.

Nas enfermidades *asthenicas* , a fraqueza he ordinariamente muito grande para produzir o somno. E por isso todo o meio capaz de aumentar o excitamento até o ponto , donde nasce o somno , produzirá este mesmo , não por huma propriedade particular somnifera , mas por huma faculdade estimulante. Por tanto , se a fraqueza he pequena , e pouco arredada do ponto que constitue o somno , basta hum estimulante tambem pequeno para fazer dormir. O calor quando se tem frio , o exercicio moderado do corpo , e da alma , hum pouco de vinho , a moderada alegria , são estimulantes sufficientes para produzir o somno , e estes meios , a meu  
ver ,

ver , não são sedativos ou debilitantes , mas sim estimulantes. Quando he maior a fraqueza são necessários estimulantes maiores para produzir o somno. Nestes casos cumpre usar dos excitantes mais energicos , entre os quaes tem o primeiro lugar o opio. Desta maneira , póde facilmente obrar não como hum narcotico , mas como hum excitante que possui o gráo de estímulo preciso.

Nos casos de huma fraqueza , como nas febres intermittentes , nos insultos de gota , nas indisposições asthmaticas , em que as inquietações internas periodicas impedem continuamente o somno , o opio póde muito bem mudar a mais cruel vigia em hum somno socegado , não em razão da virtude sedativa ou debilitante que se lhe attribue , mas porque he accommodado ao gráo de fraqueza. Se o somno falta nas doenças *asthenicas* produzidas pela fraqueza directa , em que áccumulação da excitabilidade he maior , da-se o opio em

pe-

pequena dose , porque tomado em grande , attaca a excitabilidade com muita força , e produz huma vigilia dolorosa , e perniciosa. Ao contrario , nas enfermidades *asthenicas* , produzidas pela debilidade indirecta , para se adormecer , são necessarios estimulantes penetrantes , e energicos ; o opio em grande dose he melhor.

Unicamente nos referidos casos , e nas circumstancias apontadas , o opio produz o somno. Dado em outros periodos da saude ou da enfermidade , elle restabelece as funções do corpo , e da alma : impede , e dissipa a modorra , e nos desperta , e alegra. Se alguém sem ter motivo , sente em si huma inclinação extraordinaria para o somno , tomando opio acordará logo alegre : O opio afugenta a melancolia , converte o homem timido , em corajozo , o calado em fallador , e o fraco em vigoroso. Experimentai tudo isto , e dizei-me depois se o opio debilita , e acalma.

Ha casos em que se observa huma inclinação doentia para o somno ;

no ; a qual nem sempre depende de debilidade. Com tudo , ha enfermidades *esthenicas* acompanhadas deste symptoma , como as bexigas *esthenicas* , certas *synochas* , &c. Eu não fallo aqui senão da inclinação doentia para o somno nas enfermidades *asthenicas*. Da mesma sorte que as vigílias doentias demonstram huma maior fraqueza do que deve ser a que produz o somno , assim he claro que cumpre assinar á inclinação doentia , ao somno ou á lethargia , hum gráo muito menor de fraqueza do que produz a vigilia. Nos casos de hum somno doentio , o vinho , o almiscar , o alcali volatil , o castoreo , e alfim o opio , este remedio tão louvado como somnifero , são aconselhados para despertar promptamente as forças necessarias para dissipar , e impedir o somno.

Outra causa que favorecia a opinião errada que o opio era sedativo , isto he , que se tinha observado que este remedio era proprio para curar as affeições espasmodicas , as



te os effeitos dos referidos incommo-  
dos. Eu curei em Pavia huma mu-  
lher que estava atormentada de con-  
vulsões, sómente com vinho de *Cy-  
pre*. ¿ Devo por isso dizer que o vi-  
nho he sedativo? Eu dei a hum epi-  
leptico que padecia esta molestia, ha-  
via mais de tres annos, procedida de  
medo, as flores de zinco ou oxydo  
de zinco, a quina, e os alimentos  
nutritivos; ¿ devo attribuir ao oxydo  
de zinco a virtude sedativa? Eis aqui  
a razão porque *Brown* exclama: *opium  
me hercle non sedat.*

Nas hemorragias produzidas pe-  
la fraqueza, isto he, passivas, o opio  
he hum dos remedios mais convenien-  
tes, não como sedativo ou debilitan-  
te, mas como estimulante que obra  
com promptidão, e força, e que au-  
mentando as forças da maquina dimi-  
nue a hemorragia. Eu vi *Zografi*,  
professor de partos, dar trinta got-  
tas de *Laudano liquido* juntas a hu-  
ma mulher fraca, á qual, depois de  
parir, sobreviera huma hemarrhagia  
mortal, e elle a parou por este meio,

e a curou perfeitamente. Nas bexigas confluentes, *Sydenham* reccommenda o opio como optimo estimulante. Se o opio he sedativo; pergunto porque se não dá nas enfermidades flogisticas para diminuir, e aquietar a inflamação? Porém hum tal remedio nestas doenças seria summamente nocivo, e mataria o enfermo.

Ha quem se lisongea de ter curado doenças flogisticas com opio. Eu vi, entre outros, *Vaca* professor de prática em *Pisa*, a pezar de *Brown*, dar opio nas peripneumonias. No que se enganára grosseiramente. Em primeiro lugar, nas doenças *esthenitas*, quando os remedios debilitantes são mais fortes que o aumento do excitação, isto he, excedem as forças, o doente cáe na enfermidade *asthenica*. Nós vemos muitas vezes peripneumonias que, depois de quatorze dias, se convertem em *asthenica*, debilitando-se muito o enfermo; então dão-se remedios estimulantes, como o alcanfor, a quina, o opio, &c. *Vaca* pois, debilitando sem proposito nas

en-

enfermidades *asthenicas*, e dando depois o opio usa certamente com utilidade deste remedio. Em segundo lugar, sabemos tambem depois das obras de *Baglivi*, e outras, e como a prática nos mostra, que muitas inflammações nervosas se curam desde o principio até o fim, com os remedios estimulantes. A fora as numerosas inflammações nervosas que tenho visto na minha prática, no momento em que escrevo este paragrafo, tenho tambem ante meus olhos, no hospital militar do *Valde-Grace*, o exemplo de huma peripneumonia nervosa, curada só com estimulantes, e particularmente com vesicatorios pelo professor *Genettes*, e sarada perfeitamente. Emfim, *Brown* notou no curso da sua grande prática, que de cem doenças universaes noventa, e sette são *asthenicas*, e as outras tres *esthenicas*, Por tanto, se *Vaca* dá opio a todos os seus enfermos cura noventa, e sette, e mata tres.

Nenhum Medico ou Cirurgião ignora que somos obrigados ao celebre

bre *Pott* por nos haver ensinado a usar do opio nas gangrenas seccas , pois que antes deste methodo , resistiam a todos os outros remedios até então usados. Hoje curam-se muitas vezes com opio , ou só , ou misturado com almiscar. Eu vi em *Florença* o professor *Bichierai* dar a hum doente accommettido de gangrena secca , o opio , na doze de desoito grãos , misturado com quatro grãos de almiscar , todas as vinte quatro horas , e o enfermo ficou curado. Ignoro como o opio , sendo sedativo , póde curar estas horriveis enfermidades : deixo este fenómeno para que os adversarios de *Brown* o examinem.

Passo emfim állegar-vos huma prova mais sensivel para vos demonstrar a virtude excitante do opio. Os Turcos costumam servir-se d'elle antes do almoço , e então sintem-se mui alegres , e vigorosos : effeito que produz o uso do vinho ou de qualquer outro licor espirituoso. De mais , os mesmos Turcos , continuando a tomallo longo tempo , como tenho sido testemunha ,

começam de tremer como os bebados. Mas o que ha hi mais notavel , he que , quando estão doentes ( fallo dos que peccaram por excesso ), os outros remedios estimulantes tomados em pequena dose não fazem mais effeito , e isto denota a cessação da excitabilidade , a saber , a debilidade indereccta , o qual fenomeno se observa em todos os estimulantes violentos , quando obram longo tempo. ¿ Como pois se quer que o opio seja sedativo , possuindo elle todas as propriedades excitantes ? ¿ Como quereis vós que acalme , e seja sedativo sem estimular ? ¿ Onde está a materia que obre sobre os corpos vivos sem excitar ? Comparai agora todos estes raciocinios com a doutrina *Browniana* , e sentenciái depois estribado na Logica de todos aquelles , que intentam abater o novo systema , qual he o mais verdadeiro , o mais simples , e o mais razoavel de todos os que appareceram no nosso seculo.

Eu prevejo , meu querido amigo , que a minha carta excessivamente gran-

grande vos terá enfastiado, tanto mais por ser escrita numa linguagem que apenas possuo. Espero pois que vós, e os que lerem este pequeno Ensaio me perdoarão os erros commettidos no que toca a minha imperfeição no dialecto Francez.

Não vos queixeis senão de vós mesmo, e recebei esta carta como justo castigo da injustiça com que me tendes supposto assaz corrompido pela doutrina de *Brown*, por acreditalla sem a ter examinado, e cotejado com os outros systemas publicados atégora. Estai persuadido que eu não teria abraçado esta doutrina em toda sua extensão, e com todas as consequencias que espalham nova luz sobre a Medicina theorica, e que fazem utilissimas mudanças na prática, sem ter ahi reconhecido o genio sublime, que, á imitação de *Bacon*, sabe sobir aos verdadeiros, e naturaes principios da sciencia, e escorar os seus raciocinios na evidencia, e que, como *Newton* soube dirigir-se methodicamente, e crear hum novo corpo de verdadeira sciencia de

de huma arte , que atéqui tem sido  
 meramente conjectural. Eu acabo , re-  
 petindo com Bacon : „ *Quae in na-  
 tura fundata sunt , crescunt et augen-  
 tur : quae in opinione , variantur ,  
 et non augentur* , isto he , *as coisas  
 que são escoradas na natureza , cres-  
 cem , e se aumentam , as que estão  
 fundadas na opinião , desvairam-se ,  
 e não se aumentam.*

F I M.

S.A.  
 30891

